

PREFÁCIO

Marco Antonio Lima do Bonfim

Doutor em Linguística Aplicada e professor do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará e do Instituto Afro-Latino-Americano de Pesquisa da *Harvard University*.

“Eu não sou eu, nem sou o outro. Sou qualquer coisa de intermédio; pilar da ponte de tédio, que vai de mim para o outro”.

Os versos acima são de Mário de Sá Carneiro, poeta português do século XIX e constituem contundente epígrafe para um comentário sobre *EU-OUTRO*, esta obra de (anti)poemas do negro poeta, linguista e filósofo Edivaldo Simão de Freitas. Esses versos profundos, poéticos e filosóficos de Mário de Sá Carneiro tematizam muito bem esta relação entre o EU e o OUTRO e servem de mote para o que irei trazer nas linhas seguintes para que a leitora e o leitor se apaixone pela (anti)poesia presente em *EU-OUTRO*.

Se “eu não sou eu, nem sou o outro”, então, quem sou EU? “Sou qualquer coisa de intermédio” entre MIM e VOCÊ compondo um NÓS. Um nós sem ELES ou ELAS? Essas questões revelam menos uma tensão existencial entre tais pronomes e mais o tema das identidades sociais, da constituição de nossas subjetividades, da relação entre linguagem, pensamento e conhecimento. Tal relação tem sido discutida, desenvolvida e aprofundada no decorrer dos séculos não só pela Literatura, como também em outros campos do saber como a Psicologia, Psicanálise, Filosofia, Sociologia, História, Antropologia, Ciências Sociais, Linguística, entre outras áreas das chamadas Ciências Humanas e Sociais.

No que concerne a ciência da linguagem humana (Linguística), esta díade (EU-OUTRO) foi de fundamental importância para a compreensão da noção de sujeito (da enunciação) nas teorias linguísticas. Sujeito não no sentido estrutural em termos sintáticos (relação sujeito, predicado, objeto etc), mas sujeito enquanto a capacidade do/a locutor/a se propor como

sujeito de seu discurso, de sua enunciação, como já detalhou muito bem o linguista francês Émile Benveniste na década de 1960. Do ponto de vista da psicanálise proposta por Jacques Lacan, o OUTRO faz referência ao desejo e sua manifestação pelo inconsciente – do EU – sob a forma de linguagem. Portanto, tanto o EU como o OUTRO se estruturam na linguagem.

Por outro lado, uma psicanálise que leva em conta, nessa constituição do que é ser sujeito, a imbricação entre a memória traumática da colonização, escravização e o racismo cotidiano, como a proposta pelo psiquiatra negro martinicano Frantz Fanon (1925-1961) e pela psicanalista angolana e feminista negra Grada Kilomba, irá investigar essa relação EU-OUTRO de maneira a problematizar, por exemplo, o duplo narcisismo, ou seja, o fenômeno do/a branco/a (ou, para marcar a etnia de brancos/as, a branquitude) ser escravizado/a por sua brancura e o/a negro/a escravizado/a por sua negrura.

Fiz questão de trazer todas essas reflexões para dizer/mostrar que a subjetividade é inerente a linguagem e para dizer que esse é o tom deste pequeno-grande livro de poemas do cearense Edivaldo Simão de Freitas. Pequeno, por ser um livro curto e grande pela densidade de reflexo/posições que ele suscita a respeito desse cotidiano vivido por nós em tempos de uma imensa e ilimitada troca discursiva (vide o uso demasiado das redes sociais, por exemplo) entre EUS-OUTROS, tempos de desordem, de crises, de pandemia, mas tempos também de nos reinventarmos, de reexistirmos, como bem nos ensina a querida linguista negra Ana Lúcia Silva Souza, em *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança – hip hop*.

Esse livro de poemas é uma amostra do que este escritor-filósofo-poeta-linguista apresenta enquanto à sua proposta, por meio da linguagem, de contribuir para a constituição de

jogos de linguagem que sejam demasiadamente humanos, com todas as implicações ético-políticas que isso implica. A obra composta de 77 poemas escritos nos intervalos dos anos de 2004, 2013, 2014, 2016 e 2020, é um conjunto, um mosaico de antipoemas, no sentido de poemas rasurados, poemas que vão contra os poemas-cânones, poemas que são *devir* (no sentido de Gilles Deleuze), por isso antipoema e por conseguinte, aquele que escreve tais versos é aqui um antipoeta, pois seu EU-OUTRO não tem uma essência, não tem uma raiz, tem, isso sim, uma escrita apoiada no *rizoma* tal qual definido por Deleuze, uma escrita e estilo rizomáticos que apontam e sugerem vários caminhos; estamos diante de uma poética fragmentada mas com uma coerência.

Na primeira parte do livro temos muitos poemas filosóficos, reflexões e críticas acerca do cotidiano, críticas ao racismo (“São Ilusão da metafísica”, “Pipas”, “Conceitos da afirmação irônica”, “Metáfora de Cores”, “Acontecimento”, “Racismo”, entre outros). Adiante temos poemas acerca de temáticas subjetivas e referentes à língua(gem) (“Pensamentos”, “Coisas a fazer”, “Momento de pensar”, “Ego et Alter”, “Assemanticação”, “Entre o filosofar e o poetizar”, entre outros), poemas eróticos (“Intimidade tímida”, “Teatro dos risos”, “Órgãos corporais em cores”, entre outros). O livro encerra com vários poemas em formato de acrósticos, como em “Secularismo da religião”, utilizando também o *Haikai ou Haikai* (“Por mim mesmo”, “Filofobia”, “Lar-solidão”, “Texto Erótico”, “Pn(eu)ma”, “Funeral viral: ou tributo ao covid-19”, entre outros), modalidade poética oriunda do Japão há muitos séculos atrás - em que o poema possui no máximo apenas três versos - que aportou no Brasil por meio do Modernismo Literário.

Edivaldo Simão de Freitas, em sua escrita singular, utiliza vários recursos linguístico-literários, como a ambiguidade, que é muito bem explorada em grande parte do livro, uso de

acrósticos, metáforas eróticas diversas resultantes de uma hibridização do estilo Hilda Hilst como os poetas marginais cearenses Mário Gomes e José Alcides Pinto, confirmam por exemplo, um dos versos: “descobri um mundo nos seus seios”, além de sábios usos de neologismos como “poucoquinho” (“Repouso de Sophia”).

Edivaldo Simão de Freitas cria um “intermédio” tal como Mário de Sá Carneiro; cria um *entre-lugar* como nos diz o crítico indiano pós-colonial, Homi Bhabha, um terceiro espaço, o espaço das *encruzilhadas*, e é desse lugar que este negro cearense filósofo-poeta-linguista escreve e (se) inscreve. Nessa escrita autorreferencial, talvez por ser uma escrita do EU-OUTRO, isto é, do EU no intervalo do OUTRO e do OUTRO no intervalo do EU “fazendo nascer p’ra mim, p’ra mim mesmo” (p.05) “o vazio do ‘eu’ na obscuridade do ‘outro’ (p. 27).

Eu não poderia encerrar este prefácio sem trazer o meu EU. Registro que escrevo este texto em um mês (maio de 2020) em que cada vez mais aquilo que o filósofo negro camaronês Achille Mbembe, nomeia como “alterocídio”, isto é a constituição de um Outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, se apresenta por meio do racismo na sua dimensão de genocídio da população negra no mundo que tem sido morta pelas ações *necropolíticas do Estado*, por meio da polícia.

No Brasil, em abril de 2019, tivemos no Rio de Janeiro, o assassinato por parte do exército brasileiro, do músico negro Evaldo dos Santos Rosa, 51 anos, que “por engano”¹ teve, junto a sua família, o seu carro alvejado com 80 tiros. Em setembro

¹ Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/delegado-diz-que-tudo-indica-que-exercito-fuzilou-carro-de-familia-por-engano-no-rio.ghtml> - acessado em 29 de maio de 2020.

de 2019, também no Rio de Janeiro, no Complexo do Alemão, tivemos o assassinato por parte da polícia militar, de Ágatha Félix, uma criança negra de 8 anos de idade, que estava voltando para casa de Kombi com sua mãe e foi morta com “um único tiro”². No mesmo mês, desta vez aqui em Fortaleza - Ceará, tivemos o assassinato por parte da polícia militar do adolescente negro Juan Ferreira dos Santos, de 14 anos; o disparo foi feito porque havia “pessoas em atitude suspeita” e o tiro “que atingiu Juan foi efetuado ‘para o chão’”³ e encontrou mais um corpo negro! Por quê? Mais recentemente, tivemos o assassinato do garoto negro João Pedro Mattos Pinto, no mês de maio de 2020 e do jovem negro João Vitor da Rocha, 18 anos, ambos, moradores de periferia no Rio de Janeiro e mortos por disparos realizados em operações policiais da polícia militar.

Por fim, no dia 25 de maio, nos Estados Unidos, tivemos o assassinato de um ex-segurança negro, George Floyd, em Minneapolis, por um policial branco, que, já estando com George Floyd imobilizado, colocou os joelhos no pescoço deste homem negro e o matou, o que tem provocado vários atos de protestos nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, incluindo o Brasil, contra o racismo antinegro, contra a violência policial, contra a legitimação desta *política de morte* de negros e negras.

Diante deste EU negro, militante e intelectual que se coloca aqui, encerro dizendo a leitora e ao leitor que esta obra EU-

² Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml> - acesso em 29 de maio de 2020.

³ Fonte: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2019/09/16/professores-e-colegas-de-garoto-de-14-anos-morto-em-acao-da-pm-no-ceara-dedicamdiadiletivo-a-homenagens-mano-fique-com-deus.ghtml> - acessado em 29 de maio de 2020.

OUTRO do negro cearense Edivaldo Simões de Freitas é mais que um convite para reflexões críticas diante deste momento pela qual a nossa sociedade passa; este livro é um índice, uma pista, um sopro de que podemos e devemos, por meio de nossos EUS-OUTROS reexistir.

Fortaleza, 01 de junho de 2020.

Marco Antonio Lima do Bonfim